

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: FILM NOIR | DISPONÍVEIS PARA O NOIR

17 e 20 de Novembro de 2021

JIOKHWA / 1958

“UMA FLOR NO INFERNO”

um filme de SHIN SANG-OK

Realização: Shin Sang-ok *Argumento:* Lee Jeong-seon *Fotografia:* Kang Beom-gu *Montagem:* Kim Yeong-hie
Som: Lee Kyeong-sun *Música:* Son Mok-in *Direcção artística:* Song Bacl-kyu *Interpretação:* Choi Eun-hee (Sonia),
Kim Hak (Young-sik), Jo Hae-won (Dong-sik), Kang Sun-hee (Judy), etc.

Produção: Seul Films Co. (República da Coreia, 1958) *Produtor:* Shin Sang-ok *Título internacional:* The Flower in Hell
Título internacional na cópia: A Flower in Hell *Cópia:* Korean Film Archive, 35 mm, preto-e-branco,
legendado em inglês e electronicamente em português, 86 minutos *Estreia:* 20 de Abril de 1958, na República da Coreia
Inédito em Portugal.

NOTA

A cópia 35 mm que vamos apresentar tem oscilações de luminosidade e as legendas em inglês impressas com proeminência. São características intrínsecas aos materiais actualmente disponíveis para projecção.

A energia da *malaise* nos anos 1950 sul-coreanos é fulgurante neste filme, que pelos ínvios caminhos das circunstâncias traz à ideia *A Caça*, de Manoel de Oliveira (1964), o filme batido por um mal-estar português, de camponeses e pântanos, paisagem aberta, uma cuidada banda sonora, poucas falas. Na concentração depurada da *Caça*, em que Oliveira andou embrenhado a par de *Acto da Primavera* (1963), num dos momentos fulcrais do seu cinema, há o espectro da ameaça e maus presságios, a morte à espreita, águas que sugam. Uma modernidade implacável, e não exactamente o “classicismo” que se associa a “*Uma Flor no Inferno*” e menos ainda o melodrama, os laivos *noir*, o lampejo neo-realista absorvidos neste título coreano. E no entanto a sequência ante-final do filme de Shin Sang-ok, o clímax para três personagens em perdição, no pântano e no lodo em que se escutam os zumbidos da natureza, pode lembrar *A Caça*. Ou então é um delírio favorecido pela ideia de que o final dessa sequência – a sequência para a qual o filme parece ter sido construído – seria o fim perfeito para “*Uma Flor no Inferno*” que continua para um desfecho potencialmente menos negro mas que parece uma “adenda”. Tal e qual *A Caça*, a que a censura do Estado Novo impôs uma carga menor de pessimismo, mas que desde os anos 1990 circula com as duas hipóteses de “fim” e um cartão historicamente explicativo. Fim de delírio.

Impõe-se uma digressão: o realizador-produtor Shin Sang-ok (1926-2006), tido por figura de proa do cinema sul-coreano dos anos 1950/60, e a actriz Choi Eun-hee (1926-2018), estrela muito popular nas décadas de 1950/60/70, tornaram-se mundialmente conhecidos pela rocambolesca história que viveram juntos uns vinte anos depois de “*Uma Flor no Inferno*”. Numa superação da ficção pela realidade, foram ambos alvo de rapto pela Coreia do Norte para, sob a alçada de Kim Jong-il e após anos de recusa e da prisão de Shin, fazerem filmes num período da década de

1980 “revolucionando a indústria cinematográfica da Coreia do Norte” e, no caso dele, “tornando-se produtor de Hollywood [sob o pseudónimo Simon Sheen] depois da miraculosa fuga ao regime comunista”. A fuga dá-se quando ambos conseguem asilo político na embaixada dos EUA em Viena, em 1986, durante uma deslocação a um festival de cinema. Ainda nos termos do Korean Film Archive, Shin Sang-ok “é a única pessoa no mundo do cinema que realizou filmes na Coreia do Sul, na Coreia do Norte, em Hong Kong e em Hollywood”.

O realizador conheceu Choi Eun-hee em 1953 (ano que data uma fotografia com a actriz ao lado de Marilyn Monroe durante a Guerra da Coreia) e casaram-se depois de terem rodado *Korea* (1954), primeiro de múltiplos trabalhos juntos. 1958 foi o ano em que Shin (que se estreara na realização no início dessa década) se destacou na cinematografia coreana como realizador de melodramas, tanto por este “*Uma Flor no Inferno*” (que a crítica e o público da época terão destrutado) como por “*A Confissão de Uma Colegial*”, a que atribuía a vida que veio a ter no cinema. Começara-a depois de estudar Belas Artes em Tóquio como assistente de produção artística em “*Viva a Liberdade!*” (*Jayu manse*, Choi In-Kyu, 1946), identificado como o primeiro filme coreano pós-independência do Japão. Sobre a sua prolífera filmografia de umas sete ou oito dezenas de filmes realizados, uma centena produzidos entre o triplo dos títulos da sua produtora, faz sentido reter, do obituário publicado no *The Guardian*, que “tema dominante dos filmes de Shin nos anos 1960 foi a luta das mulheres contra as limitações sociais que lhes eram impostas”. Os exemplos incluem o filme que é apontado como a sua obra-prima, também interpretada por Choi Eun-hee, “*A Minha Mãe e o Convidado Dela*” (*Sarangbang sonnimgwa eomeon*, 1961), e uma adaptação de *Une Vie* de Guy de Maupassant (*Yeojaui ilsaeng / “A Vida de uma Mulher”*, 1968). O olhar sobre a força das personagens femininas, que parece ser igualmente marca dos filmes da actriz, é visível em “*Uma Flor no Inferno*”, mostrando que Hong Sang-soo tem, a tal respeito, uma surpreendente antecedência. Fim de digressão.

Entramos em “*Uma Flor no Inferno*”, belo título, pelas ruas mergulhadas na pobreza de Seul nos anos 1950, resvés com o arame farpado da base militar norte-americana que alimenta alguma corrupção e faz ganhar a vida aos que alimentam uma ligação com a tropa americana. É do que o filme trata, a partir da representação do quotidiano da grande cidade em contraste com uma potencialmente menos dura realidade fora do centro e da periferia urbana, ainda porventura a salvo da devastação, do lodo que no desfecho se torna literal. Sinaliza-o o eixo narrativo assente na chegada do jovem Dong-sik a Seul, onde vem procurar o irmão mais velho Young-sik, que vive de pequena traficância envolvendo os americanos da base militar e o mercado negro e é namorado de Sonia, que por sua vez prostitui o corpo com os mesmos soldados estrangeiros, também os distraíndo para a liberdade de manobras de Young-sik.

Como num *noir* americano, Sonia é a imagem da mulher fatal, vestida e maquilhada “à ocidental”, de movimentos felinos, uma sedutora graça a que não falta um vestido comprido de cetim preto a assentar perfeito nas curvas da silhueta, a sensualidade a magnetizar o olhar da câmara tanto lembrando Rita Hayworth como Silvana Mangano. Como num clássico melodrama, a rapariga seduz o rapaz mais novo formando um trágico triângulo amoroso com os dois irmãos. Como num filme neo-realista entramos neste corupcio em contacto com o mundo em que as personagens vivem, a estranheza do recém-chegado, apanhado de chofre pela brutalidade que extravasa da realidade da estação e do mercado de Seul para a ficção. Tudo começa com um

roubo. Haverá rixas, paixão, sexo, ciúme, culpa, sofrimento, a inocência latejante de Dong-sik que atrai Sonia embora mais consonante com Judy, a rapariga órfã de guerra amiga dela, um flashback ao tempo fraternal da confiança, uma cena de dança, um assalto e uma cena de comboio, automóvel, fuga e perseguição em montagem paralela, a explosividade árida da aludida sequência final.

Segundo uma crítica coreana de Kwon Yong-Min, o magro orçamento de que Shin Sang-ok dispôs acabou por contribuir sobremaneira para o retrato realista da Seul do pós-guerra, achando-se, na interpretação de Choi Eun-hee, o das vidas das mulheres coreanas apanhadas no horror da cidade nesse período, em que a já dividida Coreia se contava entre os países mais pobres do mundo. Também se encontram informações segundo as quais *“Uma Flor no Inferno”* é o filme do primeiro beijo cinematográfico coreano, e um dos raros da época a apresentar personagens femininas tão ousadas como a Sonia de Choi Eun-hee.

Sim, a extraordinária Choi Eun-hee é uma extraordinária Sonia (So-nya/Sonia), personagem de perdição em perdição no seu abandono. “A caracterização de Sonia é especialmente fascinante, aparenta ser predatória e perigosa mas também auto-confiante, altamente competente e tentadora. Os espectadores da época, que estavam acostumados a ver Choi Eun-hee como uma mulher séria de coração puro no ecrã e fora dele, terão ficado chocados e embaraçados ao vê-la neste papel” (Darcy Paquet). A sordidez do retrato, nos pressupostos e na progressão narrativa, tem a energia vital das personagens dilaceradas no íntimo que vem à tona nos últimos vinte minutos de filme. Quando este aterra nos pântanos, os planos variam na escala, o sangue, a água e a lama encharcam os corpos num combate coreografado que os deita por terra. Um final *Duelo ao Sol* a preto-e-branco mas talvez mais ferido ainda. Muito bom.

Maria João Madeira